

Se Abril de 74 restituiu a liberdade aos cidadãos, a verdade é que a esmagadora maioria não estava educada para saber usar dela. Por isso, os anos de 75 e 76, particularmente, foram de grande instabilidade sócio-política, marcados pela agitação constante, tensão e até medo, com situações de perseguição e vingança à mistura com múltiplos oportunismos, o que levou muitos a pensarem não mais chegar a normal serenidade democrática. Ora, se isto aconteceu nos mais diversos sectores da vida nacional, também se reflectiu nas artes, nos valores tradicionais, na História da Pátria. Os bens culturais foram por vezes renegados, enquanto casas, igrejas, bibliotecas e outros imóveis de reconhecido valor faziam a delícia de antiquários e alfarrábistas, de coleccionadores e novos ricos, quantas vezes a pensarem na rápida transferência para além fronteiras.

Casos houve em que as pessoas sentiram como culpa grave (crime nacional) manter "coisas" do passado e procuravam também desfazer-se delas (sabe Deus como?) não viessem a ser incomodadas pela sua guarda. Mais atentos estiveram os estrangeiros, sabendo aproveitar esta onda de insensatez que tanto empobreceu cultural e materialmente o nosso País. Mas... são épocas!

Por essa altura, alguns cidadãos, corajosos, mais ligados à História, às Artes tradicionais e à Arquitectura começavam a apelar ao bom senso, interrogando "Quo Vadis, Portugal?". Encontrava-me, como professor efectivo, na Esc. Sec. de Águeda, e com os colegas de grupo – o Américo B. Figueira, a Esmeralda B. Figueira, o Deniz de Ramos... (às vezes, também com outros) íamos comentando a situação e constatando a urgência de formalizar um "grupo de estudos" (eventualmente com sede em Águeda) cujos objectivos assentariam na defesa e valorização e estudo dos valores culturais da Região, sobretudo como acção pedagógica a desenvolver nas comunidades, nas escolas, nos organismos associativos, na imprensa. Em meados de 76, a ideia tinha contornos definidos reforçados na amizade e nos ramos profissionais de cada um, pelo que se projectava a sua institucionalização no início do ano lectivo de 76/77. Nesse verão (visto que era de há anos colaborador de **Litoral**), falei do projecto ao Dr. David Cristo que logo informou não

valer a pena duplicar esforços porque estava tudo preparado de há anos para o "Núcleo de Estudos Aveirenses", e que, portanto, as "boas vontades de Águeda" se juntariam a uma lista de nomes de prestígio da Região (que passou a ser) e, dentro em pouco tempo se faria a escritura.

Mas os meses foram passando, passando... e do "Núcleo", nem sopro de vida se pressentia, com natural inquietação do "Grupo de Águeda" (agora separado, estando eu no Liceu de Aveiro). Em finais deste ano lectivo (durante o qual se tinham alargado contactos com Henrique Oliveira, Ermelinda Campos, Gabriela Gonçalves, Élio Terrível, Aristides Hall, Eduardo Cerqueira...) surgiu no placard do Liceu o anúncio de um "Curso de Dinamização para a Conservação do Património Artístico e Cultural", promovido pela SEC, a decorrer na 1ª quinzena de Setembro, em Lisboa.

A minha participação neste curso que traduziu algumas indefinições, mas traçou linhas mestras de formação, veio a criar elos de ligação com elementos que muito apoiaram acções futuras, entre eles: Rui Rasquilho e José Adragão (da Fac. de Letras de Lisboa), Adelaide Ribeiro e José Azevedo (da Figueira da Foz) e Alberto Correia (Viseu). Neste curso, os responsáveis fizeram com entusiasmo a apologia do I Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património – a propósito do 8º Centenário da fundação do Mosteiro Cisterciense de Alcobaça – o qual decorreria em fins de Maio de 78. Ali estivemos – Esmeralda Figueira e Américo Figueira e eu, a expensas próprias, onde se ouviram nomes de reconhecida competência nacional e estrangeira. Ao mesmo tempo, como já vinha a acontecer em diversas capitais de Distrito (onde estive presente), ultimou-se um "Seminário" em Aveiro, como primeira sensibilização, enviadas que foram as circulares às diferentes escolas, em correio mandado de Alcobaça. Diziam elas:

Ex.mº Conselho Directivo

Sob a orientação de responsáveis da Direcção Geral do Património Cultural (Sec. Est. da Cultura), vai realizar-se em Aveiro em 8 e 9 de Junho, no Museu, (Convento de Santa Joana Princesa),

um seminário subordinado ao tema – “A região de Aveiro: A Comunidade e o Património Cultural”, com a seguinte ordem de trabalhos:

8 – 21 horas: encontro com os Professores da região de Aveiro – “Escola e Comunidade”.

9 – 9,30: Experiências realizadas em Viseu, Coimbra e Aveiro.

11,30: Visita guiada ao Museu, pelo seu Director.

16 horas: Análise dos planos de futuro.

21 horas: Sessão aberta à população

Desta circular deve dar-se conhecimento a todos os professores, informando que a participação nestes trabalhos é considerada serviço oficial e reveste particular interesse para os docentes de História, Português e Ed. Visual que se sintam verdadeiramente empenhados na defesa do Património Cultural.

Aveiro, 22 de Maio de 1978
A Comissão Executiva
(ass. Amaro Neves)

Para esta acção, que decorreu animada, foi valiosa a mobilização do núcleo de fotografia do Clube dos Galitos, montando uma soberba exposição do “Aveiro Antigo” em fotografias que, em grande parte, pertenciam ao Sr. António Graça. Foram contactados alguns professores e, dos presentes, se foi caminhando para um alargamento da relação de interessados. A partir daqui, um amigo ia trazendo outro amigo, mas, entretanto, veio o verão e todos dispersaram – enquanto eu voltei a nova quinzena de trabalho em Lisboa organizada pela SEC, em Setembro de 78. No Natal desse ano houve “seminário” em Coimbra e, na Páscoa, em Viseu, com Alberto Correia e João da Inês Vaz (e esposa), em boa organização.

Não paravam os contactos, em Aveiro, perante a passividade do “Núcleo de Estudos” que nada fazia sequer para congregar esforços, antes dificultando e baralhando acções. As reuniões de interessados no projecto, porém, avançavam, ora em minha casa, ora na Escola Secundária Homem Cristo (sob a direcção de Maria Fernanda Neves). A paciência esgotava-se perante a pressão de discussões acaloradas que convergiam para o nascimento da Associação de Defesa do Património em Aveiro, abandonando de vez qualquer ligação ao tão falado “Núcleo...”. Agora, eram os professores da U.A. – Aristides Hall, Renato Araújo, Júlio Pedrosa, Ferrer Correia, Jorge Arroiteia, J. Gonçalo Areias, Casimiro, Lopes Baptista...; Rafael Silva, Carlos Alegre (Anadia), Lauro Marques, Lourenço Santos, João Afonso Cristo... e os arquitectos Rogério Barroca, Óscar Graça, Ventura da Cruz (de Aveiro), José Prata (Ovar) e

António Carneiro (Águeda) a tomarem a dianteira, com mais professores do Ensino Preparatório e do Secundário (para além dos já referidos) – Deolinda Palavra (Ovar), Amélia Beatriz (Anadia) Elisabete Mieirol (Sangalhos), Dorinda Marques, Antónia Correia e António Vinhal (Águeda) Enio Semedo, Otilia Osório, Lucinda Conceição, Teresa Campos, Helena Portugal, M^{te} Albertina Nunes, Aurora Oliveira, M^{te} Helena Marques da Silva, Fernanda Boia (todos de Aveiro), Júlio Ribeiro (Oliveira de Azeméis), Zeferino Brandão (Arouca), António Tavares (Sever do Vouga) Rosinha Laranjeira (Albergaria-a-Velha), etc. etc. com os jovens universitários Zé Maria, Artur Jorge Almeida e Cristina Boia, Lurdes Calisto, Ana Gamelas... entre os mais activos.

Com todas estas vontades e constatada a incapacidade do “Núcleo de Estudos...” dar qualquer resposta, foi rejeitada qualquer hipótese de fusão, constituindo-se um grupo que formalizou, autonomamente, em 3 de Maio de 1979, a escritura pública da ADERAV, para a qual muito trabalhou o Sr. João Martins Ribeiro, solicitador e grande entusiasta do projecto.



2ª Sede de ADERAV - Rua Combatentes da Grande Guerra (Edifício demolido para alargamento do Hotel Imperial)



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Nota.nº. 46

Processo nº. 41 A.D.P.

Exmo. Senhor

Dr. Amaro Faria Neves

Assunto: Acções de Defesa do Património

Comunico a Vª. Exª. que de acordo com o despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura de 15/3/79 foi autorizada a realização dos Seminários regionais previsto no Curso de Lisboa de 1978.

Junto tenho o prazer de remeter a Vª. Exª. o plano do Seminário de Lagos bem como um esquema que fará o favor de preencher e enviar para a Direcção Geral.

Agradeço também que com a maior brevidade indique, quais os participantes previstos para o que se anexa também uma folha numerada.

Os meus cumprimentos

O Coordenador

Rui Rasquilho
(Rui Rasquilho)

Lisboa, 19 de Março de 1979

Ofício da Secretaria de Estado da Cultura a autorizar a realização de Seminário Regional

Dessas reuniões de acaloradas intervenções ficaram, sobretudo, no meu registo duas notas distintas: uma – a Associação devia ser de âmbito regional (foram os de fora de Aveiro – sobretudo de Águeda – que assim, tenazmente, o defenderam), embora com a sede em Aveiro; outra – as horas de

debate para acerto do nome e suas siglas, até se acordar na denominação ADERAV e no logotipo (este da autoria do Arqº Ventura da Cruz).

Mas foi a participação de dezenas de pessoas, arrastadas pelo entusiasmo de defender a sua cidade / região que fez andar o projecto.

Com razão, pois, se podia escrever, em abono da verdade, no 1º número do **Boletim**, editado em Janeiro de 1980, que a Associação *"brotou espontaneamente, como um ponto de encontro, uma força interior que unia dezenas e dezenas de espíritos curiosos, cheios de vontade, novos e velhos, angustiados com o constante delapidar do nosso Património, mas também esperançados de alguma coisa poderem fazer em defesa, estudo e valorização da Região de Aveiro"*.

E já com tudo preparado, incluindo palestrantes e participantes, locais de acção e visitas guiadas, dispensa de serviço docente e apoios económicos para a sua concretização (neste caso com a suficiente verba da C.M. Aveiro, assinada por Eneida Cristo) a ADERAV lançou a primeira acção pública de formação – um Seminário, na Escª Sec. de Homem Cristo, sobre a "Defesa do Património – Escola e Comunidade" para 40 professores do ensino oficial que decorreu de 14 a 20 de Maio, na cidade de Aveiro (cuja direcção me coube, de parceria com Américo Figueira (Águeda) e secretariada por Henrique Oliveira, e que foi, efectivamente, uma acção de vulto, com a participação dos lisboetas Rui Rasquilho, José Adragão e outros, bem como represen-

tantes de Coimbra, Figueira da Foz e Viseu. (sobre os temas e palestrantes se pode ler o Boletim nº 1 da ADERAV).

Saliente-se que, em todo este movimento, o Sr. Eduardo Cerqueira – vulto aveirense de grande prestígio, esteve sempre na linha da vanguarda, em apoio e participação, aliás como o fez, também, João Sarabando, ao contrário de outros nomes de prestígio de então que à cultura da Região podiam dar valioso contributo.

Em conformidade com os estatutos, foi eleita em Junho de 1979 a 1ª Direcção da ADERAV, como resultado de um consenso, tendo funcionado na sede da Associação até meados de 1980, na Rua Mário Sacramento 77, 3º/D – em Aveiro.

A essa 1ª Direcção, presidi com o apoio, entre outros, dos Drs. Esmeralda Figueira, Américo Figueira e Carmelinda Correia e os Arquitectos de Aveiro.

A.N



5ª sede da ADERAV nos escritórios da demolida fábrica Cerâmica do Vouga (Fábrica do Azul).